

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

23 de Outubro de 2020

A Cinemateca com o DocLisboa: A VIAGEM PERMANENTE

– O CINEMA INQUIETO DA GEÓRGIA

KOMUNARIS TCHIBUKHI / 1929

“O Cachimbo do Communard”

Um filme de Kote Mardjanichvili

Argumento: : Kote Mardjanichvili, segundo o conto epónimo de Ilya Ehrenburg / *Imagem* (35 mm, preto & branco): Serguei Zabozaiev / *Direção artística:* Valerian Sidamon-Eristavi / *Montagem:* não identificado / *Interpretação:* Uchangui Tchkeidzé (*Roux*), Serioja Zabozaiev (*Jules*), Veriko Andjaparidze (*Louise*), T. Menzoné (*Gabrielle de Bonivet*), Aleksandre Jorjoliani (*o Tenente*), Tamari Tchavtchavadzé (uma *communarde*), Chalva Gambachidzé (*o talhante*)

Produção: Sahkinmretsvi (Goskinprom Gruz) / *Estreia mundial:* 30 de Junho de 1919 / *Cópia:* do Centro Nacional do Cinema Georgiano (Tiflis), dcp (transcrito do original em 35 mm), mudo (com uma introdução sonora), com intertítulos em georgiano (em caracteres *mkhedruli*) e legendagem eletrónica em português e inglês / *Duração:* 56 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.*

TCHEMI BEBIA / 1929

“A Minha Avó”

Um filme de Kote Mikaberidzé

Argumento: Guiorgui Mdivani, Kote Mikaberidzé / *Direção de fotografia* (35 mm, preto e branco): Anton Polikevitch, Vladimir Poznan / *Direção artística:* Irakli Gamrekei, Valerian Sidamon-Eristav / *Montagem:* não identificado / *Interpretação:* Aleksandre Takaichvili (*o burocrata*), Ielena Tchernova (*a sua esposa*), Ievgueni Ovanov (*o porteiro*), Akaki Khorava (*Sacha, o operário*), Mikhaïl Abessadze, Konstantine Lavretski, G. Absaliamova, Chalva Guedevanichvili, Chalva Khuskivadzé.

Produção: Sahkinmretsvil Goskinprom Gruz (Tiflis) / *Cópia:* dcp (transcrito do original em 35 mm), muda, com intertítulos em caracteres cirílicos (além de alguns em caracteres *mkhedruli*) e em inglês, com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 60 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.*

Sessão apresentada por Marcelo Felix

Komunaria Tchibuki/“ O Cachimbo do Communard” foi visionado numa cópia sem legendas e sem o auxílio de legendas eletrónicas ou de uma lista de diálogos impressa e, por este motivo, não é possível proceder a uma análise do filme nesta “folha”. Mas, mesmo assim, a banalidade da *mise en scène* parece evidente, sobretudo quando se pensa em outro filme soviético sobre a Comuna de Paris, realizado no mesmo ano, um dos grandes clássicos do cinema mudo mundial, **Novy Babylon/“A Nova Babilónia**, de Grigori Kozintsev e Ilya Trauberg, para o qual o jovem Dmitri Chostakovich escreveu uma magnífica partitura. A parca originalidade de **Komunaria Tchibuki** não vem da sua articulação visual mas do argumento (tirado de um conto de Ilya Ehrenburg, que entre os anos 30 e os 50 foi o mais conhecido embaixador do Komintern junto aos artistas e escritores ocidentais, alguns dos quais, como Picasso, eram amigos seus), pois no desenlace uma criança de cerca de sete anos é fuzilada, o que talvez não seja exagero quando se sabe a furiosa violência que marcou a desforra das classes dominantes nos massacres da *semaine sanglante* que pôs termo à Comuna.

Tchemi Bebia/“A Minha Avó” leva-nos, sem a menor dúvida, a outro patamar cinematográfico. Trata-se do primeiro e mais célebre filme realizado por Kote Mikaberidzé (1896-1973), depois de sete outros como ator (ele ainda realizaria mais duas longas-metragens e três curtas). Reconhecido desde sempre na sua Geórgia natal, Mikaberidzé ficou fora do radar dos historiadores ocidentais e, ao que parece, nunca teve grande prestígio na URSS, onde a produção russa sempre teve mais apoio do que a das outras repúblicas da federação. **Tchemi Bebia** foi proibido à época (segundo algumas fontes, só voltou a ser visto em 1967, por ocasião do cinquentenário da Revolução de Outubro) e, no entanto, o filme nada tem de “dissidente”, pelo contrário, o desenlace é uma pura e simples lição de moral bolchevique. O que causou a sua proibição não foi a sua forma - libérrima - pois em 1929 a URSS ainda estava longe dos cânones da aberração estética chamada “realismo socialista” e da petrificação que isto causaria em boa parte do seu cinema. O filme foi proibido simplesmente porque satirizava um aspecto da realidade soviética, doze anos após a revolução. Num artigo incluído num vasto estudo sobre o

realizador, publicado em 2017, o crítico Thomas Tode argumenta que **Tchemi Bebia** não teria sido proibido se o realizador não o tivesse situado especificamente na União Soviética: “*Mikaberidzé errou ao levar a sério as diretrizes de Moscovo, a exigência permanente da ideologia oficial, que pedia uma «constante autocrítica», sem perceber que tratava-se apenas de uma fórmula diplomática, que devia ser usada ou abandonada consoante a ocasião*”. Isto corrobora o que diz Jay Leyda no seu clássico *Kino – a History of Russian and Soviet Cinema* (1960), em que o historiador americano explica que nos anos 30 houve longos debates na União Soviética sobre a comédia: como fazer uma comédia soviética? Por definição, uma comédia ou sátira critica aquilo que aborda e como criticar o que quer que seja no paraíso (soviético)?... A solução para esta quadratura do círculo foi fazer filmes “alegres” mas não críticos, se possível com vigorosos personagens de labregos, cujo modelo é **Vesyolye rebyata/Os Alegres Foliões** (1934), de Grigori Alexandrov (distribuído em Portugal a 14 de Fevereiro de 1936). Mas Mikaberidzé, que também tem uma abundante produção como pintor, teria a sua pior experiência com o regime no momento do degelo khrucheviano posterior ao XXº Congresso do Partido, em 1956. Equivocando-se mais uma vez quanto à natureza do regime, enviou cartas anónimas a políticos e jornais, criticando violentamente o que lhe pareciam os erros e crimes do sistema e foi condenado a três anos de trabalhos forçados, que cumpriu integralmente. Ao ser libertado, aos sessenta e três anos, puseram-no a trabalhar na dobragem de filmes estrangeiros, ou melhor nas suas versões em *voice over*, com os diálogos originais em baixo volume e uma voz *off* a debitar em tom monocórdico os diálogos, em russo, pois esta era a tosca técnica utilizada na URSS, mantida até o fim do regime e o desmoronamento do país.

A história do cinema está cheia de agradáveis surpresas, de surpreendentes objetos cinematográficos pouco ou nada conhecidos e **Tchemi Bebia** é uma delas. Do começo ao fim, é um filme surpreendente, pois não obedece a regras estabelecidas ou convenções. Isto era bastante fácil no período mudo e no início do sonoro, mas Mikaberidzé faz jus à liberdade formal de que dispõe. A trama narrativa é extremamente simples e a situação não terá parecido insólita aos georgianos, como não o pareceria aos habitantes de muitos outros países: um burocrata que não faz nada é demitido e para reaver o cargo perdido tem de ter uma carta de recomendação da “avó”, eufemismo para designar um outro funcionário, que foi certamente subornado. O espectador é surpreendido, já nos planos de abertura, com cenários modernos e mesmo modernistas, não muito frequentes no cinema soviético (o filme tem basicamente três espaços: este, a casa do protagonista e a segunda repartição burocrática, onde todos trazem cartas das suas “avós”). Independentemente deste aspecto decorativo, não desprovido de ironia, Mikaberidzé e os seus dois cenógrafos encontram uma inteligente solução para o cenário da repartição burocrática. Em vez de vastos espaços vazios, com corredores infinitos ladeados por portas que desembocam sobre gabinetes aonde ninguém faz nada, preferem a concentração espacial e (talvez também por razões de economia) optam por um único cenário, uma assoalhada com uma mesa redonda, onde cada burocrata tem o seu “trono” e dispõe de um pouco de alta tecnologia, um elemento evidentemente irónico, pois a “tecnologia” associada ao dinamismo capitalista não é o que mais se associa à burocracia. As sequências iniciais formam uma versão moderno-burlesca de uma narrativa sobre a burocracia, tão inventiva como no cinema burlesco americano, do qual não há, no entanto, marcas evidentes no filme, nem sequer como *pastiche*. A partir do momento em que o burocrata, que não tem nome, tem de lutar para ser reintegrado ao seu posto, Mikaberidzé multiplica figuras de estilo (*paralíticos*, animação, bonecos) e ideias nada “realistas”, como a estátua de um homem nu que se anima (só para obrigar o outro a pôr uma beata no cinzeiro) ou a fúria da mulher do protagonista, seja quando ela dança de alegria, seja quando o persegue ou espanca. Como em muitas comédias mudas, o humor funciona por acumulação, com obstáculos sempre novos que se interpõem às tentativas do personagem, antes do abrupto desenlace, que faz o efeito de um alfinete numa bolha de sabão: os interlocutores do homem desaparecem de cada vez que ele lhes estende a carta da “avó”, até que bruscamente surge um personagem que víramos no começo: põe a todos no lugar e explica que a burocracia é um vício capitalista, inadmissível no mundo comunista. Em **Tchemi Bebia** a lição de moral e civismo é dada através de uma sátira, não de uma prédica para o espectador e é, ela própria, um dos grandes momentos cómicos do filme (talvez o que suscite as maiores risadas hoje em dia), com a vantagem de também servir de desenlace. Embora saibamos que a História do cinema está escrita e que é pueril tentar alterar o cânon no que refere os seus primeiros oitenta anos, é sempre um prazer descobrir um objeto insólito e feito com imaginação como este primeiro filme de Kote Mikaberidzé.

Antonio Rodrigues